



HERDEIROS DO PORVIR

Ano XX – Nº 37
Abril/Maio/Junho 2014
Distribuição gratuita

Gastos públicos

A detailed, ornate crown with gold and silver elements, surrounded by various medals and orders, including a large star-shaped medal with a blue center and a circular medal with a blue center. The crown is set against a dark background with gold leaf accents.

Monarquia

vs.

A portion of the Brazilian flag (green and yellow) with the national coat of arms (Escudo Nacional do Brasil) in gold and blue. The coat of arms features a five-pointed star with a blue center and a banner below it.

República

Um resultado que não surpreende...

Ordens de Cristo, São Bento e São Tiago

Concluindo a explanação sobre as Ordens honoríficas nacionais portadas por D. Luiz na capa do “Herdeiros do Porvir” n.º 34 (abaixo), apresentamos hoje as três circundadas e adornadas com fitas verde, vermelho e púrpura.



Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo – Passou a existir em Portugal no ano de 1319 com os remanescentes da Ordem do Templo (que foi extinta pela Santa Sé), fundada pelo Rei D. Diniz. No século XV, foi administrador-mor da Ordem de Cristo o Infante Dom Henrique, o Navegador, que deu grande impulso à epopeia desbravadora dos mares, a partir de Sagres. Em 1500, foi sob a bandeira dessa Ordem que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil.

Ordem de São Bento de Aviz – Introduzida em Portugal no tempo de seu primeiro rei, D. Afonso Henriques, em meados do século XII, foi inicialmente um ramo português da Ordem de Calatrava, que já existia em Leão e Castela. D. Maria I, em fins do século XVIII, quando reformou as Ordens militares portuguesas, destinou-a a premiar serviços militares. Esse mesmo fim viria a ter, mais tarde, no Império do Brasil.

Ordem de São Tiago da Espada – Provavelmente fundada no século XI, em honra do Apóstolo São Tiago, tinha como insígnia uma cruz em forma de espada; daí serem os seus membros conhecidos como cavaleiros espatários, ou gladíferos. Iniciou suas atividades em Castela e depois espalhou-se pelos vários reinos da Península Ibérica, tendo grande papel nas lutas da Reconquista. O ramo português da Ordem foi, em 1789, reformado por D. Maria I, e passou a ser usado para recompensar os funcionários da Justiça e a pessoas que tivessem prestado “outros serviços relevantes”. No Brasil, o Império concedeu relativamente poucas condecorações dessa Ordem.



Em 2 de fevereiro a Pró Monarquia ofereceu jantar ao Príncipe D. Bertrand de Orleans e Bragança em comemoração a seus 73 anos, no conhecido bistrô Charlô no bairro dos Jardins, em São Paulo. Entre monarquistas especialmente convidados estiveram presentes dois sobrinhos do aniversariante, D. Rafael (abaixo, cumprimentando D. Bertrand) e D. Gabriel.



Em 19 de março D. Bertrand proferiu Aula Magna no Centro Cultural Cícero Barbosa Lima Jr., para advogados e estudantes dos cursos de Direito, Agronomia e Medicina Veterinária da Faculdade Dr. Francisco Maeda (Fafram), de Ituverava (SP), sobre o tema *Ambientalismo e a Paz no Campo – Aspectos Legais*.



Por ocasião da Páscoa de 2014, o príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança, Chefe da Casa Imperial do Brasil, enviou aos brasileiros, de modo particular aos amigos da Casa Imperial, “seus melhores votos de Feliz Páscoa, com todas as graças de Nosso Senhor Jesus Cristo Ressuscitado”.

HERDEIROS DO PORVIR

Publicação da Pró Monarquia,
entidade civil sem fins lucrativos.

Rua Itápolis, 873 – CEP 01245-000 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3822-4764

www.monarquia.org.br – e-mail: herdeirosdoporvir@monarquia.org.br

Diretor Responsável: Osvaldo Rocco

Jornalista Responsável: Yone P. Caldeira (MTB 17354)

Redator Chefe: Geraldo Hélon Winter

Diagramação: Luis Guillermo Arroyave

Impressão: Grafilar – Gráfica e Editora do Lar Anália Franco

Em 8 e 9 de fevereiro D. Bertrand, representando D. Luiz, viajou para a cidade de Goiânia para as Bodas de Prata do Juiz Dr. Carlos Luiz Damacena e esposa D. Lara Cristina Damacena, amigos e colaboradores da Casa Imperial do Brasil.



Em 3 de março, durante o período de Carnaval, D. Bertrand fez conferência em Toledo (PR) para dezenas de jovens católicos e monarquistas vindo de várias regiões do país, em evento promovido pela Associação Cristo Rei, da mesma cidade do Paraná.



No dia 3 de abril, no Clube Homs, em São Paulo, D. Bertrand proferiu palestra sobre o importante documento “Reverente e filial Mensagem a Sua Santidade o Papa Francisco”, enviado ao Sumo Pontífice em 8 de fevereiro (detalhes na página 7).



De 9 a 11 de abril, em Belém do Pará, a convite da Associação Comercial e da Federação da Agricultura deste Estado, visitou a Academia Paraense de Letras, concedeu entrevista ao principal jornal da cidade, *O Liberal*, jantou com o corpo consular acreditado no Pará e proferiu palestra na Associação Comercial sobre seu livro *Psicose Ambientalista*, autografando no final sua obra.



Em 28 de abril, sob os auspícios de D. Luiz, a Pró Monarquia promoveu palestra em sua Sede Social sobre a crise na Ucrânia, a qual afeta diretamente todas as nações livres do Ocidente, pois evidencia o novo projeto de dominação expansionista da Rússia de Putin. O expositor foi o cientista político e jornalista José Carlos Sepúlveda da Fonseca.



No dia 24 de abril, a convite do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas e do Tênis Clube, D. Bertrand fez conferência intitulada *Brasil, uma nação predestinada a um futuro glorioso*. Após a palestra o príncipe foi aplaudido de pé. Comparceram importantes autoridades locais.

Gastos públicos: Monarquia vs. República

GERALDO HELSON WINTER

Durante quatro séculos o Brasil se beneficiou da forma de governo monárquica e isto lhe assegurou dimensões continentais, povoamento, desenvolvimento e prestígio internacional. Basta lembrar que as fronteiras do Brasil foram definidas em 1494, pelo Tratado de Tordesilhas, antes mesmo de descoberto pela esquadra de Pedro Álvares Cabral, em 22 de abril de 1500. E lembrar também que em 1750 o Tratado de Madri ratificou as fronteiras brasileiras, expandidas largamente para oeste, adquirindo dimensões territoriais já muito próximas das atuais. A evidência histórica desse fato é um dos marcos de pedra das novas fronteiras do Tratado de 1750, que se encontra na cidade de Cáceres, no Mato Grosso do Sul.

Contudo, há pouco mais de um século, o Brasil vem experimentando amargamente a forma de governo republicana, que lhe tem garantido uma sequência interminável de desilusões, descontinuidade política e dilapidação dos cofres públicos.

Mas, qual a razão para essa diferença flagrante entre o prestígio do Brasil monárquico e o desprestígio do Brasil republicano? Comparando-se Monarquias e Repúblicas é possível verificar facilmente que as Monarquias são mais austeras em seus gastos do que as Repúblicas. Isso é uma realidade, mesmo diante da pompa com que as Monarquias normalmente se apresentam. Palácios suntuosos pesam pouco no bolso dos contribuintes, pois já fazem parte do patrimônio nacional há séculos. Mas não é apenas por isso, já que as Repúblicas são mais dispendiosas, mesmo quando seus governantes ocupam palácios de monarcas destronados.

A razão de as Monarquias serem mais austeras reside em dois fatores fundamentais: um é a moralidade elevada dos monarcas e o outro é o mecanismo de transmissão do poder. O primeiro fator denota a sadia formação da consciência moral da pessoa e o segundo denota a sólida formação da estrutura política e social de um país.

Se considerarmos também que o papel da Monarquia é elevar o conjunto social, fica fácil compreender que a condição indispensável para isso é justamente a integridade elevada do Monarca, que por sua vez influencia profundamente a moralidade de seu povo. Evidentemente na República a probidade dos governantes também é condição indispensável para uma administração austera. Contudo, essa austeridade fica profundamente prejudicada justamente em função do mecanismo de transmissão do poder. Enquanto na Monarquia tal mecanismo é hereditário e vitalício, na República é eleitoral e transitório. A transmissão do poder na Monarquia favorece não apenas a moralidade elevada do monarca, mas também de todo o conjunto social. No entanto, o sistema eleitoral e transitório de transmissão do poder na República não favorece nem a moralidade elevada do governante, nem a dos cidadãos.

Na República, o declínio vertiginoso da moralidade é sistematicamente alimentado pela engrenagem de transferência do poder. A transmissão do poder eleitoral e transitório abre espaço a todo tipo de oportunismo, levando governantes medíocres a se preocuparem apenas com interesses pessoais ou, quando muito, com interesses de seu partido, em notório prejuízo do povo e do bem comum.

É possível constatar com facilidade que as Monarquias são realmente mais austeras que as Repúblicas. Tomemos como exemplo dois países vizinhos, fazendo a comparação entre a Monarquia espanhola e a República portuguesa: a Monarquia custa, para cada espanhol 0,53 de euro por ano, enquanto a Presidência da República custa 1,58 euro para cada português. O governo espanhol transfere para a Casa Real quase 9 milhões de euros anualmente, enquanto o governo português transfere para a Presidência da República quase 16 milhões de euros.

Apesar de as Monarquias serem mais austeras do que as Repúblicas, existe a falsa impressão de que são mais dispendiosas. Um dos motivos é o pomposo cerimonial da Monarquia inglesa, que devido a seu aparato é a mais cara entre



Apesar da suntuosidade, um banquete real é mais barato do que um republicano



Palácio Real de Madri, Espanha. A monarquia espanhola é menos onerosa que a república portuguesa.



Família Real inglesa, com toda sua pompa, rende ao governo quase cinco vezes mais do que seus gastos



Palácio Imperial de São Cristóvão, Rio de Janeiro. Proclamada a República, Deodoro dobra seu salário em relação a D. Pedro II.

Marco de Pedra do Tratado de Madri de 1750, em Cáceres (MS)



Interior do Palácio de Buckingham, um dos mais visitados do mundo e fonte de renda para a Inglaterra



Palácio do Planalto, em Brasília, símbolo do desperdício republicano



Palácio São Bento, Portugal. Cada português paga três vezes mais que vizinhos espanhóis para manter sua República.



todas as Monarquias. Mas, ainda assim, seu custo é incomparavelmente menor do que o de uma República. O custo anual da Monarquia inglesa é de US\$ 1,20 para cada súdito, o da sueca e da belga US\$ 0,77, o da espanhola US\$ 0,74, o da japonesa US\$ 0,41, o da holandesa US\$ 0,32. Em sentido contrário, a República dos Estados Unidos onera cada contribuinte em quase US\$ 5.

Voltando à Inglaterra, os cofres britânicos desembolsaram 37,4 milhões de libras para financiar a Monarquia. Em compensação, as propriedades da Coroa, que pertencem à Rainha e são administradas pelo governo, renderam ao país no ano passado 184,8 milhões de libras.

Outro equívoco comum é a crença de que em uma Monarquia o imposto dos contribuintes é utilizado para custear extravagâncias da Família reinante. Devemos observar que nem todos os gastos da Monarquia são pagos com dinheiro público, mas somente os inerentes a sua função constitucional. Na Inglaterra isso ocorre, por exemplo, com os Palácios de Buckingham, Hillsborough, Holyroodhouse, Kensington, St. James, Windsor. Tais palácios pertencem ao Estado e são utilizados para cumprir deveres oficiais pela Família Real. Suas residências particulares de Balmoral e Sandringham são mantidas com a renda proveniente da herança da Família Real.

É necessário lembrar que nem todos os membros da Família Real têm suas despesas pagas pela Lista Civil, mas apenas a Rainha, o Príncipe de Gales e seus consortes, o Príncipe Phillip, Duque de Edimburgo e Camilla, Duquesa da Cornualha. Os filhos da Princesa Margaret, Condessa de Snowdon, e únicos sobrinhos da Rainha Elizabeth II, David Armstrong-Jones, Visconde Linley e Lady Sarah Chatto, em 2006, por exemplo, tiveram que vender joias e obras de arte para pagar os impostos sobre herança vigentes na Inglaterra.

Esses aspectos de austeridade da Monarquia inglesa são praticamente desconhecidos dos meios de comunicação que não dão a isso a atenção devida.

Por outro lado, na República muitas famílias precisam ser sustentadas. O *Journal Miami Herald* fez uma pesquisa em 1992 e constatou que os Estados Unidos naquele ano tiveram um gasto de mais de US\$ 20 milhões em pensões de seus ex-presidentes ou de suas viúvas, sem contar as despesas com a proteção oferecida pelo Serviço Secreto, estimadas na época em US\$ 18,5 milhões. No Brasil a República não é diferente. Os ex-presidentes brasileiros têm, por lei, direito de empregar oito servidores às custas do erário, além de utilizar dois carros oficiais com motoristas.

O contraste entre gastos da Monarquia e da República brasileiras também é gritante. Entre 1840 e 1889 a Família Imperial recebia 67 contos de réis mensalmente, apesar de a arrecadação ter crescido 15 vezes nesse período. O Marechal Deodoro da Fonseca, entretanto, já no dia 16 de novembro de 1889 assinou decreto dobrando a renda destinada ao Chefe de Estado para 120 contos de réis mensais. Com os 67 contos de réis D. Pedro II conseguia manter a Família Imperial, palácios e servidores, além de destinar às vítimas da Guerra do Paraguai 30% de todos os seus rendimentos. Pagava também de seu bolso pensão a necessitados e enfermos, viúvas e órfãos, num total de 409 pessoas. Quando, em 1871, partiu para sua primeira viagem ao Exterior, recusou vultosa verba oferecida pela Assembléia Geral, além de aumento na dotação da Princesa Isabel, por assumir pela primeira vez a Regência. Na ocasião a Assembleia Geral ofereceu um navio de guerra, com escolta de outros três, para a viagem do Imperador, que recusou e preferiu seguir viagem em navio de carreira.

De lá para cá, o Brasil republicano cai cada vez mais pelas tabelas. No índice da Transparência Internacional sobre percepção de corrupção, irmã gêmea da rouba-lheira institucional, nosso país encontra-se em 72º lugar. E quem vem entre os mais honestos? Os primeiros lugares são ocupados por Monarquias: Dinamarca, Nova Zelândia, Suécia, Noruega, Holanda, Austrália, Canadá, Luxemburgo e Inglaterra, entre outros. Dois pequenos fatos mostram porque as Monarquias são mais bem avaliadas: quando um incêndio destruiu, em 1992, parte do Palácio de Windsor, a Rainha Elizabeth II fez questão de pagar a reforma com seus próprios recursos; o Rei da Espanha, Juan Carlos, em 1991, doou ao patrimônio público um palácio que recebera de presente do Rei Hussein da Jordânia.

Em suma, Monarquias e Repúblicas evidenciam diferenças de mentalidade diametralmente opostas: enquanto Monarcas visam exclusivamente ao bem de seu povo, Presidentes aproveitam seus mandatos para cobrir os gastos da última eleição e garantir a próxima.

Seriedade e honradez nos homens do Império

LEOPOLDO BIBIANO XAVIER

Na atualidade, há um consenso geral em torno de se evitar reconhecimento de mérito a tudo o que for expressão de elite. No entanto, é mais do que certo que país algum pode aspirar a crescer sem o concurso dos melhores, sem o aproveitamento de seus maiores talentos e capacidades. No Império, o rol dos talentos era tão grande, que tornava-se difícil apontar os que sobressaíam. Foi o que Machado de Assis immortalizou em *O Velho Senado*. Por isso mesmo o País havia assumido uma posição que em muitos aspectos causava inveja no Exterior: éramos uma ilha de paz e progresso na América do Sul.

Em uma visita de D. Pedro II a Victor Hugo, este lhe perguntou se não tinha receio de deixar o seu Império por tanto tempo, ao que o Imperador respondeu:

— Não. Os negócios públicos fazem-se perfeitamente na minha ausência. Há na minha terra muitas pessoas que valem tanto ou

mais do que eu. Além disso, aqui não perco o meu tempo. Reino sobre um povo jovem, e é para esclarecê-lo, torná-lo melhor, fazê-lo marchar para a frente, que uso dos meus direitos, ou do poder que me coube pelos acasos da fortuna e do nascimento.

Escrevendo sobre os ministros de Estado do Segundo Reinado, o Conde Afonso Celso acentuou: “Nenhum ascendeu ao Governo por mero favoritismo ou por capricho, nenhum comprometeu a dignidade governamental, nenhum foi vergonhosamente esmagado, nenhum se portou de maneira ignóbil nem deixou nome odioso na tradição popular. Nunca, um só que fosse, se aproveitou de suas funções para locupletar-se. Todos se exoneravam endividados ou menos ricos. Era um sacrifício ser ministro”.

Comparem-se a hombridade e honradez dos homens públicos da época do Império aos de hoje, e vemos em que desfiladeiro profundo a república lançou o Brasil!

Falece a Princesa D. Maria Margarida de Bourbon-Sicílias

Morreu no dia 15 de janeiro último, em Madri, aos 79 anos, a Princesa D. Maria Margarida de Bourbon-Sicílias, filha do Príncipe D. Gabriel de Bourbon-Sicílias e da Princesa D. Cecília, nascida Lubomirska. D. Gabriel era irmão da Princesa D. Maria Pia de Orleans e Bragança e tio do Príncipe D. Pedro Henrique de Orleans e Bragança, Chefe da Casa Imperial do Brasil até 1981, quando lhe sucedeu seu primogênito o Príncipe D. Luiz.

A falecida Princesa passou sua juventude em estreito convívio com seus primos da Família Imperial brasileira em Jacarezinho, no Norte do Paraná, onde seu pai possuía uma fazenda,



próxima à de D. Pedro Henrique. Ela se casou em 1962 com D. Luis Gonzaga Maldonado y Gordón, de quem teve três filhas, as quais a acompanhavam no momento do passamento, ocorrido após longa enfermidade. Ao funeral compareceram a Rainha Sofia de Espanha, o Príncipe de Astúrias e a Infanta Elena.

No Brasil a Família fez celebrar Missa em sufrágio de sua alma no dia 14 de março, na igreja de Nossa Senhora do Brasil, em São Paulo. Foi celebrante o Pe. Alessandro de Bourbon-Sicílias, filho do Príncipe D.

Casimiro de Bourbon-Sicílias (irmão da falecida) e da Princesa D. Maria Cristina de Savoia-Aosta.

Gilberto Callado eleito Corregedor-Geral em Santa Catarina

O Colégio de Procuradores de Justiça de Santa Catarina elegeu, em sessão ordinária, no último 26 de março, o Procurador de Justiça Gilberto Callado de Oliveira como Corregedor-Geral do Ministério Público de Santa Catarina. O Dr. Callado concorreu com a atual Corregedora-Geral, Dra. Gladys Afonso, vencendo-a por 25 a 21.

“*Quero agradecer de coração os votos de confiança dos senhores Procuradores de Justiça, que me abriram as portas da Corregedoria-Geral do MPSC, órgão fundamental de fiscalização e correção para que os trabalhos desta instituição sejam eficientes e bem sirvam à sociedade*”, disse Callado logo após a eleição.

O Dr. Gilberto tem uma brilhante carreira como professor e



no Ministério Público de seu Estado encontra merecido reconhecimento. É Doutor em Filosofia do Direito pela Universidade de Navarra (Espanha), membro da Academia Catarinense de Letras e sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Filosofia. Escreveu várias obras, entre as quais “*A verdadeira face do direito alternativo*” e “*Punição ao cidadão e liberdade ao ladrão – a verdadeira face do novo Código Penal*”.

À frente do Círculo Monárquico Nossa Senhora do Desterro de Santa Catarina, que atualmente preside, o Dr. Callado possui destacada atuação monarquista desde o Plebiscito de 1993.

D. Bertrand envia mensagem ao Papa

Alcançou ampla repercussão nacional e internacional o documento intitulado “**Quo vadis, Domine? – Reverente e filial mensagem a Sua Santidade o Papa Francisco**”, enviado ao Pontífice pelo Príncipe D. Bertrand de Orleans e Bragança em 8 de fevereiro último, mostrando sua perplexidade diante do recebimento festivo por autoridades de Roma e pelo próprio Papa de líderes de invasão de terras na América do Sul, entre eles o conhecido João Pedro Stédile, do MST, e o argentino Juan Grabois, do Movimento de Trabalhadores Excluídos (MTE). A seguir alguns trechos do documento, que pode ser lido na íntegra no site monarquia.org.br.

Apresentação. Dirijo-me a Vossa Santidade em meu duplo caráter de Príncipe da Casa Imperial do Brasil e ativo participante da vida pública de meu País, para lhe externar uma grave preocupação concernente à causa católica no Brasil e na América do Sul em geral. É bem conhecido dos brasileiros o fato de que foi a instâncias do Papa Leão XIII, e apesar dos previsíveis inconvenientes políticos que daí adviriam, que minha bisavó, a Princesa Isabel, regente do Império, assinou a 13 de maio de 1888 a Lei Áurea, abolindo definitivamente a escravidão no Brasil. Custou-lhe o trono, mas valeu-lhe passar à História como *A Redentora*, e receber das mãos do Papa a *Rosa de Ouro*, em recompensa pela sua abnegação em favor da harmonia social e dos direitos dos mais desvalidos. Movido pelo mesmo senso de justiça e devotamento ao bem comum de meus antepassados, honro-me em ter dado início e animado durante 10 anos a campanha *Paz no Campo*, a qual promove a harmonia social no agro brasileiro. Tarefa tanto mais imperiosa quanto, nas últimas décadas, o meio rural do País vem sendo notoriamente conturbado por uma sequência de invasões de terra, assaltos, destruição de plantações, desapropriações confiscatórias, exigências ambientalistas descabidas e insegurança jurídica. No cerne dessa agitação agrária [...] encontram-se o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, mais conhecido pela sua sigla MST, e a organização internacional *Via Campesina*.

Stédile e MST. Por isso, foi com consternação que tomei conhecimento do convite enviado pela Academia Pontifícia de Ciências ao Sr. João Pedro Stédile, coordenador nacional do MST e representante da *Via Campesina*, para participar como observador de um semi-

nário organizado pela referida Academia, em Roma, no dia 5 de dezembro de 2013, com as despesas de viagem pagas pelo Vaticano. [...] O conhecido agitador aproveitou-se do evento como tribuna para promover seus princípios baseados na premissa marxista da luta de classes, e ameaçou: [...] “*A curva da luta de classes será mundial e, portanto, quando começar a fase de ascensão, será assim por toda parte. E a terra tremerá*”. [...]

Não posso deixar de me perguntar, Santo Padre, qual a razão de que esse paladino de uma utopia revolucionária tão visceralmente anticristã e promotor da violação sistemática das leis tenha sido convidado pela Pontifícia Academia de Ciências. Pois é óbvio que, sendo as classes populares cada vez mais infensas à pregação revolucionária, o interesse do líder do MST só pode ser a sua pretensão de utilizar-se da Igreja Católica como *companheiros de viagem* nessa utópica aventura. [...]

Tudo quanto foi exposto, Santidade, é de molde a chocar milhões de católicos brasileiros, que ficarão ainda mais desconcertados quando tomarem conhecimento de que, além do convite enviado a João Pedro Stédile para participar do referido seminário, Vossa Santidade gravou em vídeo, nessa ocasião, mensagem de saudação aos integrantes da *Via Campesina*. Talvez Vossa Santidade não tenha sido informado, mas essa organização subversiva ficou tristemente conhecida dos brasileiros, em abril de 2006, quando 2.000 militantes dessa organização invadiram a empresa *Aracruz Celulose*, depredando grandes estufas experimentais, sistemas de irrigação, viveiros de mudas, incendiaram instalações e destruíram modernos equipamentos de laboratório. Pode Vossa Santidade calcular o quanto soará inverossímil a milhões de brasileiros saber que Vossa Santidade, nesse vídeo, estimulou a *Via Campesina* a “*seguir adelante*”! Esse procedimento não foi o único, Santo Padre. [...]

Grabois e MTE. Minha perplexidade seria maior na eventualidade de Vossa Santidade não saber perfeitamente quem é Juan Grabois, argentino militante da “esquerda popular” peronista, também convidado pela Pontifícia Academia de Ciências, não só para ser um dos organizadores do referido seminário, como também para ser o primeiro de seus relatores. Articulador da rede de *cartoneros* — os catadores de papel de Buenos Aires — no chamado *Movimento de Trabalhadores Excluídos* (MTE) bem como um dos fundadores da *Confederação dos Trabalhadores da Economia Popular*, esse

advogado e militante da esquerda peronista não esconde suas convicções abertamente marxistas. Em artigo para *AgendaOcultanet*, sustenta que a “*acumulação originária*” de riqueza das classes abastadas “*provém de algum grande crime*”. Para ele, tal riqueza particular é necessariamente fruto de “*saque, escravidão, rapina, contrabando, evasão de capital, tráfico de pessoas, tráfico, usurpação, calote, corrupção, malversação de fundos públicos...*”. [...] Ou seja, é a velha teoria de Marx segundo a qual todo proprietário particular seria um ladrão pelo simples fato de ser abastado. [...]

Vossa Santidade convidou *cartoneros* a subirem no palanque da Praia de Copacabana, durante a Via Sacra da Jornada Mundial da Juventude, além de lhe tributar outros gestos de acolhimento, como a audiência que concedeu a Grabois, por duas horas, no mês de agosto passado, em sua residência de Santa Marta. Envolveriam estes gestos um apoio à linha traçada pelo ideólogo Juan Grabois? Eis minha filial e respeitosa pergunta. [...]

Quo vadis, Domine? Vossa Santidade, agindo com calculada prudência, vai definindo aos poucos os rumos do seu pontificado. É natural que os fiéis acompanhem com atenção os passos que vão sendo dados nesse sentido. Diante das inevitáveis perplexidades que toda mudança de rumo naturalmente produz, compreende-se que muitos façam, no interior de seus corações, a pergunta que, segundo a legenda, o próprio São Pedro fez quando, fugindo da perseguição de Nero, encontrou Jesus Cristo que vinha em sentido contrário: *Quo vadis, Domine?* — Aonde vais, Senhor?

Ao ouvir a resposta de Nosso Senhor de que Ele se dirigia a Roma para ser novamente crucificado, São Pedro entendeu que o momento havia chegado de ele próprio sofrer o martírio. E, assim, submeteu-se ao suplício com grande humildade, pedindo aos algozes que o crucificassem de cabeça para baixo — segundo piedosa tradição — porque não se considerava digno de que sua morte igualasse em todos os pormenores a de Cristo.

Assim, em vista dos fatos acima descritos, e das perplexidades por eles suscitadas, um fiel poderia ser levado a dirigir ao Papa Francisco idêntica pergunta — *Quo vadis, Domine?* [...] Faça-o, pois, nesta *Reverente e Filial Mensagem*, convencido de que Vossa Santidade receberá a presente manifestação com paternal benevolência, e como uma leal contribuição para o êxito de sua excelsa missão no governo da Santa Igreja.



JOSÉ GUILHERME BECCARI



Obras muy bizarras – A fórmula criada por Lula para financiar obras na América Latina e África, por meio do BNDES, soa das mais suspeitas. Grandes construtoras brasileiras, na maior parte financiadoras do PT, são convocadas para executá-las, sem que haja licitação nem fiscalização. Para

os que tiverem bastante paciência para esperar, em 2027 poderão receber as devidas explicações, quando os contratos deixarão de ser “secretos”...

Curiosamente os maiores favorecidos são os governos de Cuba e de países “bolivarianos”, todos *muy amigos* de Lula e Dilma. Está nessa condição o porto de Mariel, em Cuba, recentemente inaugurado pela “presidenta”.

O contribuinte brasileiro o financiou com 684 milhões de dólares, sem que se saiba ao certo para que servirá, devido à insípida economia local, ao passo que os nossos portos, ferrovias, rodovias etc. vão caindo aos pedaços. Na festiva inauguração, que contou com abraços e beijos do ditador Fidel Castro, Dilma anunciou o emprego de mais 360 milhões de dólares para a reforma do aeroporto de Havana. Enquanto as obras necessárias ao desenvolvimento do Brasil continuam em PACadas, eis que surge um novo PAC, muito mais eficiente: Programa de Amparo a Cuba.

No embalo do Ministro – Gostaríamos de dizer muitas verdades a respeito da decadência do Brasil republicano. Se o fizéssemos na medida desejada com certeza seríamos tachados de radicais, extremados, fanáticos etc. Então, preferimos endossar mais uma vez o que figuras insuspeitas declaram, como o pronunciamento do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Luís Roberto Barroso, o mesmo que favoreceu os “mensaleiros”, o qual por certo não é monarquista. Depois de afirmar que nosso sistema político é “perverso” e que o Congresso se transformou num “balcão de negócios”, enumerou as causas da corrupção: “loteamento de cargos, para

a partir deles se drenarem recursos para o financiamento eleitoral; emendas orçamentárias que beneficiam empresas de fachada e que repassam verba para o bolso ou para o partido; licitações superfaturadas, subfaturadas ou cartelizadas; venda de penduricalhos em medidas provisórias para atender a interesses que não se saem bem no debate público”. E mais adiante: “O papel do processo civilizatório é reprimir o que há de ruim e potencializar o bem. [...] O sistema político brasileiro faz o contrário: reprime o bem e potencializa o mal”. Precisamos dizer mais?

E-social, o pai de todas as burocracias – Conforme publicamos em edição passada, 30 normas tributárias federais, estaduais ou municipais são publicadas diariamente em nosso país, ou 1,25 por hora. T tamanha carga burocrática está tornando nossa atividade econômica inviável. Mas a sanha estatal intervencionista parece não ter fim, pois está prestes a entrar em vigor o aterrorizador *E-Social*, sistema pelo qual empresários, pessoas físicas e empregadores domésticos serão obrigados a prestar informações tributárias, trabalhistas, previdenciárias e de folha de pagamentos em tempo real ao governo. O receio justificável é o de que tais dados redundem em elevado volume de autuações, tanto fiscais como trabalhistas, pois o fisco terá nas mãos a vida de todos num apertar de botões. Um manual com nada menos do que 200 páginas e um conjunto de 20 tabelas com centenas de itens para preenchimento estão sendo disponibilizados aos empresários. Estima-se que grandes empresas necessitarão de sete novos profissionais para atender ao governo, enquanto as médias precisarão de três, elevando ainda mais o já insuportável custo Brasil. — E os pequenos empreendedores? Ora, incompetentes, que fechem suas portas e vão viver do bolsa-família!



Honrar seu Rei – Com frequência repetimos que a República nos deixou órfãos, num país à deriva, à mercê de grupos políticos o mais das vezes corruptos, os quais nos conduziram à triste situação atual. Apesar de tudo isso, o pior legado da República foi privar-nos de nosso principal ponto de referência, nosso Soberano. Neste sentido vem muito a calhar o pensamento do escritor britânico C. S. Lewis, autor das conhecidas *Crônicas de Narnia*: “Quando é vedado aos homens honrar seu Rei, passam antes a honrar milionários, atletas, estrelas de cinema e até prostitutas famosas e bandidos. Pois o espírito, tal como o corpo, carece de alimento: neguem-lhe comida e ele devorará veneno”.

